

BRASIL - PORTUGAL

16 DE FEVEREIRO DE 1907

N.º 194

O carnaval civilizado



O que foi

O que é

O que ha-de ser sempre

Dr. Francisco Ferraz de Macedo



† em 31 de janeiro de 1907

Medico, publicista, poeta, naturalista, polyglotta. A sua morte representa uma perda para a sciencia portugueza.

O «Brasil-Portugal» reproduz hoje da «Galeria de Criminosos Celebres» um valioso artigo scientifico do dr. Francisco Ferraz de Macedo.

O atavismo e a delinquencia

Em vegetaes e animaes, ocorre o phenomeno *atavismo*, assim designado por Duchesne, quando no decurso da geração reaparece n'um individuo a constituição phisica e funcional, ou uma só d'estas, semelhante ou identica á de ascendentes afastados e extinctos ou não, quer em linha recta, quer colateral.

Portanto: atavismo é a reaparição de um typo ascendente longinquo.

Ora, observando as especies vegetaes e animaes, ao começo *detalhadamente*, depois por *séries* que se entopem por grãos complicativos na morphologia, chegamos, em geral, á seguinte conclusão: — As especies ou os seres vegetaes e animaes, considerados hygidos, apresentam-se á nossa pesquisa como que divididos em tres ordens, affectando cada uma differente condição physico-dinamica.

A *primeira* e mais vasta d'ellas é de apparencia *normal*, commum, regular, confundivel com o maior numero das individualidades pertencentes á mesma especie e até á mesma raça, é finalmente por assim dizer a media que serve de talão para aferir as unidades do mesmo grupo bio-taxonomico (?). A *segunda* diverge do padrão acima apresentado, por meio de revelações phisicas ou functionaes de caracter mais alevantado, mais perfeito, mais correcto, emfim mais avançado ou *progressivo*. A *terceira* diverge tambem do padrão, mas em sentido opposto á precedente, porque tem manifestações de rebaixamento, de maculas estaticas e dynamicas, em conclusão, porque mostra signaes evidentes de atraso ou de *regressão*.

Assim, os seres apresentam-se-nos sob tres aspectos — o normal, o progressivo, e o regressivo.

Estas tres manifestações tanto podem vir de origem *nativa*, como de origem *adquirida*.

Limitando-nos aqui só ao reino animal, notaremos que, independentemente da organização dos progenitores, a natureza pôde criar, e cria, *anomalias* de todas as variedades, quer em sentido progressivo, quer em regressivo. Por isso, de quando em quando, apparecem *genios* e *monstros*, indistinctamente filhos de paes maculados, ou de progenitores do padrão normal, sem haver um leve indicio a que filieiros a razão de tal phenomeno; não obstante, a regra ou a lei mais em vigor pela natureza é originar as *anomalias* do fóco da hereditariedade, tornando, além d'isso, de dia a dia mais verdadeira a maxima de Juvenal, que diz não haver *psychismo* são, senão n'um corpo tambem são — *mens sana in corpore sano*.

O atavismo, por emquanto, é considerado como um capricho da natureza, até hoje de impossivel explicação, apesar dos esforços de Zacchias na *Questão medico-legal*, de Wollaston no *Esboço da religião natural*, de Maupertuis na *Venus physica das «Obras completas»*, de Vandermonde no *Ensaio sobre a maneira de aperfeiçoar a especie*

humana, de Girou de Buzareingues na *Geração e Philosophia physiologica*, de Sageret na *Pomologia physiologica*, e mesmo de Prosper Lucas que os cita e critica na *Herança natural*, 1850. E é de impossivel explicação por causa do intercalamento de duas, tres, seis e mais gerações de individuos normaes, em relação á hereditariedade, quando depois apparece semelhante ao da geração precedente ou dos representantes colateraes — primos, tios, avós... —. Outras vezes, na mesma geração, revivesce o typo de um ascendente colateral, com quem os progenitores em nada se assemelham. Claro está que estas revivencias atavicas podem apresentar um dos tres aspectos ha pouco referidos, visto que a natureza põe em vigor um capricho, abandonando a sua norma hereditaria habitual.

Na população criminosa, o atavismo, especialmente funcional, entra em muito pequena percentagem. Os casos, que por lá ondulam, formam grande vulto, em virtude da dupla coincidência — uma da repetição de ascendentes afastadissimos, perdendo se mesmo na ancestralidade ás vezes, outra por ser o typo revivescido um individuo de funcções *regressivas* ou *anti humanas*.

É necessario ter bem em mente que, sem esta duplicidade originaria, o atavismo não deve ser suspeito de pertencer aos de fundo malificante, ainda que lembre *individuos communs* de grupos não civilisados; pelo contrario, quando o segundo quesito coincide com um typo não civilisado, mas de constituição progressiva, o atavico vem a occupar um lugar de honra entre a sociedade e humanidade distincta. Lembrarei mais que a progressão pôde existir em potencia; quero dizer que a progressão é susceptivel de pertencer a um individuo, sem elle ter occasião de a patentear durante a sua existencia; mas, logo que variar de meio, as suas beneficas aptidões incubadas revelarem-se desafogada e propiciamente. Sem duvida tambem que a *raça humana normal* não possui privilegios aptidinaes só adstrictos a fócos ethnicos, a circulos continentaes, a raças differenciadas pelo maior ou menor pigmento subcutaneo, pelos traços, pelos habitos, pelas crenças, pelo gráo de conhecimentos, finalmente pelas provisões anthropo-technicas; em todos os pontos, porém, herda indistinctamente as aptidões progressivas, e ellas em menor ou maior numero em cada fóco, de accordo com a sua constituição organica. Por consequencia, ha tantas aptidões avançadas nos Oceanicos e nos filhos da Africa e da America, como nos da Asia e da Europa, embora nos quatro primeiros a riqueza do solo lhes modéie a constituição de fórma a não fazerem uso dos subidos elementos avançados, que possuem potencialmente.

Existe um prejuizo gravissimo, em alguns anthropologistas juridicos, a respeito de certas raças humanas, prejuizo que de ha muito me esforço por desfazer. Esse prejuizo é o de considerarem *todos* os representantes das raças americanas, africanas e oceanicas como tendo um fundo regressivo congenito; e d'ahi consideram aquelles que descendem d'ellas com *propensões* para actos antisociaes, denominando *todos* os atavicos que as lembrem como capazes de acções delinquentes.

Isto é uma falsidade, que reclama immediatos protestos dos que trabalham sinceramente em prol do bem da humanidade. Para me não estender em exemplos, basta dizer que ha entre os caboclos americanos homens de tanta hombridade e elevação psychica, posto que posta em pratica de um modo relativo, como entre os mais perfeitos europeus.

Por estes motivos e muitos outros, em materia criminal, o apparecimento de um typo, nascido na Europa e filho de europeus, que lembre os povos sequestrados ao convivio da mesma Europa, não auctorisa de fórma alguma a filiar os seus actos reprovados á raça cujo typo elle representa phisica e mesmo functionalmente, visto que não são criminosos *todos* os filhos d'aquellas procedencias.

Em taes condições de atavismo, para haver justiça em materia criminologica, sendo possivel, é necessario pôr em pratica no atavico uma anamnesia tão rigorosa, como para aquelles malfeteiros que não são atavicos, pois que, repito, nem *todos* os naturaes ethnicos de povos incultos são delinquentes.

Não sendo possivel a anamnesia, os criminosos atavicos, lembrando raças denominadas selvagens e *indigenas*, de varias origens ethnicas, devem ser considerados como *anomalos eventuaes*, susceptiveis de apparecimento em proporções identicas, tanto nos povos selvagens, como nos povos civilisados.

Lisboa, 11-10.-1899.

DR. FRANCISCO FERRAZ DE MACEDO.

Bons conselhos

Não ha proveito sem custo.

A preguiça caminha tão de vagar que em breve a pobreza a apanha.

Quem se deita cedo e cedo se levanta, passa bem, torna-se rico e ajuisado.

Quem vive de esperanças morre de fome.

A actividade paga as dividas, enquanto que a desesperação augmenta-as.

O trabalho é o pae da felicidade e Deus tudo dá áquelles que n'elle se occupam.

Com paciencia e perseverança um rato corta um cabo.

Tres mudanças de casa fazem o mesmo estrago que um incendio; a arvore que se transplanta, quando não morre, enfraquece.

CARNAVAL

Na Escola Polytechnica e na Escola Rodrigues Sampaio

De todas as folias carnavalescas destacamos para as paginas do *Brazil-Portugal* aspectos curiosos das duas festas de estudantes. Se não se impuzeram pela originalidade tiveram por seu lado a alegria. Tanto bastou para que uma objectiva photographica as colhesse em flagrante.

Os primeiros fizeram a festa no pateo da Polytechnica. Os segundos andaram por ali, em batalhão.

Inutil descrever o que foram as duas pandegas; já dentro da quaresma os nossos adjectivos descriptivos cheirariam a incenso.

Bastam as gravuras que nos custaram os olhos da cara.

CARNAVAL. — Na Escola Polytechnica



Alguns dos estudantes que tomaram parte na festa

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXI

Foi-se o Carnaval. Chéché, estatelado na lama das ruas cose a sua bebedeira para daqui a um anno voltar a tomar outra. Se fosse coisa boa... A nossa triste sina de dar cabo de tudo quanto é bom e não melhorar o que peora. O que se passa n'este momento a algumas dezenas de leguas, no Porto. Quanto pode a iniciativa e o patriotismo do portuense. As festas carnavalescas na Cidade Virgem. — Saragoçanos políticos. Provavel quadro do ministerio e provavel governo da presidencia do sr. Villena.

Perderam-se os ultimos echos do Carnaval. Chéché, estatelado na lama das calçadas, folião e obsceno, trescalando o vinho e á fetida transpiração do seu corpo nunca lavado, confirma n'essa logica situação a velha sentença: *Taliscita, finis ita*. Assim, morreu ignominiosamente quem ignominiosamente viveu. Paz ao pelinirão!

Paz, disse eu, como se fosse possível que esse velho importuno e irritante tivesse fim! Mas não. Elle não morreu da morte macaca que merecia. Trezentos e sessenta e tantos dias volvidos sobre essa queda com apparencias de fulminante congestão, o velho bobo ha-de erguer-se cambaleante, retesar as magras pernas, estender n'uma

malcreada preguiça os entorpecidos braços, bocejar, esfregar os olhos, retomar o facalhão e o chifre, e agitando furiosamente a guisalheira de cão famelico, correrá as mesmas ruas, gritando as mesmas banalidades, reeditando, cada vez mais pelintra, o espectáculo deploravel da sua miseria.

Se fosse coisa boa... diz o vulgo quando quer significar o seu tédio pelos espectaculos deprimentes. Sim, se fosse coisa boa, ha quanto tempo teria desaparecido! Mas qual!... E' sina nossa, insistirmos no que é mau. Quantos exemplos eu poderia agora citar em abono do meu dito! Não vale, porém, a pena. Tão bem ou melhor que eu os conhecem os meus leitores para que seja necessario apontal-os. Bastará apenas recordar, entre outras, que a lindissima procissão de Corpo de Deus foi condemnada como *entrudada* impropria ao prestigio do culto e da civilisação. E no emtanto, essa procissão que Herculano e Rebello da Silva deixaram descripta em imperciveis paginas d'um colorido e relevo extraordinarios, era a solemne affirmação dos sentimentos e crencas religiosas d'um povo e ao mesmo tempo um bello e magestoso espectáculo, imponente para arrebatat as almas simples das creaturas piedosas, suggestivo para deleite d'um espirito requintado de artista, a quem nunca é indifferente esse outro fanatismo ingenito em todos os povos cultos — a tradição.

Modificou-se a procissão de Corpo de Deus tirando-lhe o esplendor, mingando o numero das figuras componentes, reduzindo-lhe o mais possível o itinerario. E, talvez na mesma ordem de ideias, embora não confessadas, modificou-se tambem o Entrudo pelo mesmo systema: acabando de vez com as luzidas cavalgadas, com as brilhantes mascaradas, com os sumptuosos bailes, reduzindo o culto pagão do deus da Folia a este execravel espectáculo a que vimos de assistir com tédio e asco e que dá bem a idéa do grau de civilisação e senso esthetico d'um povo...

Assim tem sido, assim será, sempre. Ha quantos annos andamos empenhados — nós todos, confessemol-o — na tarefa ingloria de estragarmos o que tinhamos de bom, ás véssas do que succede nos outros povos, que se esforcem incessantemente por ampliar, melhorar tudo, levantando o seu nivel moral, afirmando as suas tendencias civi-

lisadoras, cada qual na ancia de reivindicar bons credits entre os outros?

E aí d'aquelle que surda com uma ideia, com um nobre intuito com uma generosa aspiração! Aí d'esse, que será recebido entre chufas e sorrisos de ironia, esbarrando com sua excellencia o Empata, que o deterá, emaranhando-lhe a iniciativa em mil e um empecilhos e contrariedades, que o fará tropeçar, cair para não mais se levantar n'um sem numero de obices que a rotina, a inveja e a impotencia lhe levantarão sob os pés.

Bem ao contrario, a poucas dezenas de leguas de nós, no Porto, a iniciativa particular — e só ella — tem conseguido fazer verdadeiros prodigios na obra meritoria de civilisar o Carnaval. Chega a ser classificavel de estupendo o que essa cidade, relativamente pequena, obtem dos proprios recursos, da propria iniciativa, da propria vontade. Lá, basta que meia duzia dos mais cotados commerciantes se reunam, formem uma associação, peçam a este, se dirijam áquelle, recorram á imprensa, officiem á municipalidade. Prompto! A uma, particulares, imprensa, elemento official, eil-os a colaborar corajosa, entusiastica, patrioticamente na mesma obra do bem commum — o levantamento da querida terra que lhes foi berço.

E é de ver cada qual esforçando-se por exceder em dedicação á sympathica causa o visinho da porta, alindando estabelecimentos, engalanando janellas, ostentando vistosas illuminações, sub-creando generosamente com quantias importantes para o aformoseamento de ruas, para cortejos, carros allegoricos, tudo, emfim, quanto possa contribuir para maior lusimento das festas.

A' hora a que escrevo não ha ainda noticia pormenorizada das festas que terão decorrido brilhantissimas. Mas pelas descripções dos jornaes, que teem acompanhado a elaboração do programma, o Porto deve estar presenciando e exhibindo aos olhos de muitos milhares de forasteiros mais do que uma festa brilhante, rica, de

requeitado gosto: o espectáculo, que deve justificadamente orgulhar-o, da sua força, da sua união, da sua generosidade, do seu invencível espirito de iniciativa, do acrisolado amor pela sua nobilíssima terra.

No Porto vivi dez annos — os melhores da minha vida. Lá deixei amigos muito queridos, que nunca esquecerei, nem tampouco a bizarra hospitalidade que me foi dispensada. Recordando-os, n'este momento, não vejo apenas boas creaturas ás quaes me prendem laços

com os amigos politicos do ex-ministro sr. José Maria de Alpoim, que o acompanharam na ruidosa separação do seu velho chefe, quando foi da questão dos tabacos.

Ora os dissidentes teem, effectivamente, programma politico muito definido e em tempo publicaram nos jornaes seus affectos projectos de lei liberaes.

Mas a actual situação politica estará por pouco? E, quando assim succeda, será o sr. Vilhena o chamado a organizar ministerio?... Que os anjos respondam, pois os seraphins foram á carqueja.

CAMARA LIMA.



Na Escola Polytechnica. — A taverneira

d'uma vivissima sympathia: vejo homens — homens a valer! — que me dão a consoladora impressão de que em Portugal ainda ha portuguezes!

Saragoçanos de varias especies anunciam a breve queda do gabinete, e alguns adeantam mais alguma coisa nas suas previsões: que será chamado a constituir ministerio o sr. conselheiro Julio de Vilhena.

Dão uns como causa provavel da queda do governo a falta de recursos já demonstrada pelo pedido de auctorisação ao parlamento; outros, a questão dos sanatorios da Madeira, que é debatida acaloradamente na imprensa politica.

Que haverá de verdade em tudo isto?

Effectivamente, em dois discursos primorosos, o sr. conselheiro



Na Escola Polytechnica. — Engrazador

Julio de Vilhena, que é uma das mais altas individualidades da politica portugueza, convidou com bonitas maneiras o governo a sair e com aquella decisão e franqueza de quem se sente capaz de arrotar com a grave situação de o substituir.

Diz-se mais que s. ex.º organizará ministerio com os mais valiosos elementos do grupo dissidente do partido progressista, isto é,

com os amigos politicos do ex-ministro sr. José Maria de Alpoim, que o acompanharam na ruidosa separação do seu velho chefe, quando foi da questão dos tabacos.

A residencia ficava ao centro de um pequeno terreiro. Duas acacias arqueavam em cimbres, encostadas a dois frades de pedra, que resguardavam o unico lanço de escada da entrada.

Na sala meia duzia de cadeiras com assento e espaldar de coiro

Abstinencia

A Arthur Azevedo

Era accentuadamente patriarchal a vida que o velho reitor levava no seu presbyterio, segregado do resto da povoação.

A residencia ficava ao centro de um pequeno terreiro. Duas acacias arqueavam em cimbres, encostadas a dois frades de pedra, que resguardavam o unico lanço de escada da entrada.

Na sala meia duzia de cadeiras com assento e espaldar de coiro



Na Escola Polytechnica. — Os saleiros da festa

pregado com grandes balsamos amarellos, uma estante meio occupada por breviarios antigos e alguns in-folios de capa de pergamino. Ao lado da porta de entrada uma secretária com os livros parochiaes, e um tinteiro de osso polido com duas pennas de pato, que o padre tinha sempre cuidadosamente aparadas, com aquelle canivete de marca de anzol que lhe servia igualmente para desencabeçar os callos e para o auxiliar nos enxertos, em que era muito entendido.

Toda a familia do reverendo esculca do Céu era elle, o José, velho creado, que o servia ha cincoenta annos, e a Rosita, sobrinha d'aquelle, uma formosa trigueirinha, azougada, ladina, com uns grandes olhos muito negros, que eram o desespero dos pobres rapazes da aldeia.

Estes, porém, não se atreviam a requestal-a, pelo respeito que tinham ao velho reitor e porque se lhes afigurava ser tempo perdido; mas, passado algum tempo, começou a bacorejar-se nos serões que o morgado das Devezas, um rapagão bem parecido e sofrivelmente tirado das canellas, dava sério cavaquinho pela sobrinha do padre, e que esta, por sua vez, toda se engrinaponava da preferencia que lhe era dada pelo morgadito, a quem as fidalgas das tres casas solarengas da redondeza não voltariam costas.

Dizia-se até que a Rosita, illudindo a vigilancia do José, e aproveitando a ausencia do tio, que todas as noites ia "matar um bocado de tempo, a jogar o gamão com o boticario, passava horas e horas debruçada no muro do pomar do presbyterio a ouvir as falas assucaradas do morgado.

Uma noite que o padre recolheu mais tarde, quedou-se ao entrar no terreiro, admirado de ver ainda luz no quarto do creado, que costumava recolher-se com as gallinhas.

Este, mal o presentiu abrir a porta da sala, correu para o reitor, que o fitou estupefacto.

Depois, como visse o inexcusable embaraço do José, que não se

atrevia a abrir a bôca, foi sentar-se na sua poltrona, pegou do breviário, tirou pela fita vermelha, que marcava as matinas, e disse, com a sua habitual bonhomia:

— Parece-me assim a modo de embaraçado... Tiveste enguiço que te espantou o somno?

— Eu, sr. reitor, eu... eu... olhe que não tive culpa nenhuma... Olhe... até foi o tio Francisco... sim... foi elle quem m'o veiu dizer...

— Desconheço-te, rapaz — interrompeu o padre. Acaba com essa gaguez, que nunca te ouvi.

— Olhe, meu amo, é que... é que... a sr.^a Rosinha... olhe... fugiu com o tratante do morgado... que se eu o pilho...

— Hum! hum! fez o reitor; e principiou a tamborilar com os dedos na capa do breviário. Depois, benzendo-se, começou:

— *Aperi, Domine...*

E suspendeu-se a olhar para o José, que estava apoquentadíssimo. Fechando o breviário, o velho reitor concluiu fleugmaticamente:

— Carne que eu não como, que a leve o diabo...

VISCONDE DE S. BOAVENTURA.

Espiritismo

— Vá buscar o espirito de Teixeira de Vasconcellos, ordenára o major Ramyres.

E nós todos ficámos á espera de que o espirito viesse, silenciosos, olhando curiosamente para a meza e para o papel branco estendido em frente do *medium*.

Mas a mão do braço da manga de alpaca conservava-se impassível: a penna segura entre os dedos e assente sobre o papel não oscillava sequer.

Depois de um longo momento de espera um dos crentes, mais apressado e menos paciente que os outros, murmurou:

— O espirito demora-se!

— Talvez tenha que fazer, desculpou com uma seriedade imperiturbável o homem das barbas brancas.

Pôde ser, concordaram alguns.

— Ou talvez que não tenha tinta, lembrou o Sousa, com a mesma vozinha aflautada com que momentos antes rezára a oração dos espiritos attribulados.

— Se não tivesse tinta, mexia-se sem ella, contestou o homem das barbas brancas, apontando para a penna que se conservava imóvel sobre o papel.

— Tem tinta, tem, certificou o *medium* como que acordando, sacudindo a penna sobre o papel e mostrando com um enorme pingão preto, que não era por falta de tinta que o espirito não apparecia.

Mas fosse lá pelo que fosse, o que era certo é que elle não vinha.

Depois de uma nova espera de alguns minutos em religioso silencio, o major Ramyres, como que envergonhado por minha causa d'aquella demora, voltou-se para mim e muito amavel tratou de desculpá-lo o melhor que ponde o espirito retardatario.

— Admira-me o conductor não o ter trazido ainda, mas é que ás vezes os espiritos estão occupados...

— Perfeitamente, essa é boa, eu não tenho pressa nenhuma, disse eu.

— E depois bem vê que Teixeira de Vasconcellos era um homem

superior, um jornalista de talento, e o espirito de um homem de espirito é muito mais procurado que os outros.

— De certo, é natural!...

— Lá vem elle, lá vem elle! Schiu! gritou o homem das barbas brancas, apontando para a mão do *medium*, que começava a agitar-se sobre o papel.

— Schiu! ordenaram todos, olhando avidamente para o papel. A penna andou um pedaço sobre o papel, traçando uns rabiscos



Na Escola Polytechnica. — Uma das variedades

á tãa: depois, pouco a pouco, foi-se firmando e começou a fazer letras, a formar palavras.

— Sou eu! foram as primeiras palavras intelligiveis que a penna escreveu e que o homem das barbas brancas, debruçado sobre o papel, leu em voz alta.

— E's tu quem?

— Teixeira de Vasconcellos!

— Veja lá se é a letra d'elle, disse-me em voz baixa o major Ramyres.

Isso já eu tinha analysado logo: parecia-se tanto com a letra do grande jornalista como um ovo com um espeto.

— Não é, não senhor, respondi eu.

— Não é a tua letra! disse em voz alta o major Ramyres falando para o papel.

— Não te importes com a letra, sou eu, escreveu muito rapidamente o *medium*.

— Vê? respondeu-me triumphante o major Ramyres: disse que não nos importemos com a letra, e insiste em que é elle.

— A's vezes acontece isto, explicou-me o homem das barbas brancas; ás vezes os espiritos mudam de letra, no outro mundo.

— E até mudam de um dia para o outro, corroborou o homem da voz aflautada; não se lembra de Moysés, sr. major?

— E' verdade, contou-me o major Ramyres; o Moysés tem feito o favor de vir cá a casa varias noites, pois todas as noites vem com diferente letra.

— E' curioso! disse eu.

— E' curiosissimo! A calligraphia dos espiritos é um estudo importantissimo, que ainda está por fazer.

Emquanto o major Ramyres e o homem das barbas brancas e o da voz de soprano discreteavam assim interessadamente sobre a letra dos espiritos, o espirito de Teixeira de Vasconcellos, pela mão do homem da manga de alpaca, insistiu na sua entidade, repetindo tres vezes a seguir, como na barcarola celebre:

Sou eu!
Sou eu!
Sou eu!

— Vamos: interrogue-o, disse-me o major.
— Interrogue-o antes o meu amigo.



Na Escola Polytechnica. — Banda de... tambores

— Como queira. O que deseja perguntar-lhe?
 — Primeiro, para me certificar da sua identidade, pergunte-lhe se elle me conhece.
 — Conheces a pessoa que te invocou?
 — Conheço, respondeu promptamente a mão do *medium*.
 — Como se chama? insistiu por sua conta o major.
 — Gervasio Lobato, tornou o espirito com equal rapidez.
 — Vê! conhece-o perfeitamente, disse-me triumphante o major Ramyres; já vê que é elle.

— Pergunte-lhe agora d'onde é que em conhece, insisti eu.
 — D'onde o conheces?
 — Do mundo, tornou logo o espirito.
 — Precise mais a resposta, pedi eu em voz alta.
 — De Lisboa, respondeu o espirito, mas já com certa hesitação.

— Mas de que sitio? tornei eu.
 O espirito que até então fôra tão prompto nas respostas, principiou a demoralizar-se mais.

Por fim escreveu:
 — Do ministerio do reino.
 — Estás equivocado, espirito, disse-lhe eu, perdendo já a cerimonia e tratando-o por tu; quando eu entrei pela primeira vez no ministerio do reino, já tu não eras d'este mundo.

A mão de *medium* parou um bocado e depois escreveu rapidamente:

— *Jornal da Noite*.
 — Nada, estás ainda enganado; já nos conheciamos muito antes do *Jornal da Noite*.

A mão hesitou muito e como que a medo escreveu:

— *Gazeta de Por...*
 — Também não, atalhei logo eu, divertindo-me immenso com a atrapalhão do espirito; conheste-me muito antes da *Gazeta de Portugal*. Tu não foste inquilino de uma casa de meu pae, quando eu era pequeno?

— Fui, respondeu logo o espirito.
 — E'n que rua era essa casa?

O *medium* estava a escorrer em suor.
 — Em que rua? não te lembras? insisti eu.

A mão começou a tremer muito sobre o papel e depois a dar saltos enormes, terminando por atirar a penna ao chão.

O *medium* então deixou cair a cabeça sobre a meza como que prostrado: os crentes pozeram-se todos em pé e eu, fingindo-me muito admirado e que tomava a serio tudo aquillo, perguntei assustado ao major:

— Mas o que é isto? Elle tem alguma cousa?
 — Não é nada: acontece-lhe isto ás vezes; não sabe o que isto quer dizer?

— Não.
 — E' que aquelle espirito que estava a falar por intermedio da mão d'elle era um espirito malfazejo.

— Ah!
 — E os espiritos malfazejos, quando se mettem n'um corpo, causam muitas vezes estas perturbações!

— Não admira, são malfazejos!
 Entretanto o velho das barbas brancas e os outros crentes tinham-se acercado do *medium*, horrifando-o e levando-o, quasi que em braços, para ao pé de uma janella.

— Está melhor? perguntava-lhe um.
 — Estou, respondeu o *medium* com voz sumida e dolente; vamos lá a continuar.

— Não, agora não, interveiu o major; agora não, que lhe pôde fazer mal; elle está muito nervoso.
 — Está visto! concordaram todos.
 — Interrompamos as invocações por meia hora.
 O meu ex-mestre de latim approximou-se então de mim e perguntou-me muito orgulhoso, como quem tinha a certeza da minha resposta affirmativa.
 — Então? está convencido?



Na Escola Polytechnica. — No pateo da Polytechnica

— Convencidissimo! respondi eu com uma seriedade heroica.
 — Isto é maravilhoso, é positivamente maravilhoso! E ainda ha quem duvide?

— E' verdade: parece incrível!
 — Duvidam, porque nunca assistiram a uma sessão d'estas.

Eu olhei o muito fixamente para ver se elle estava a caçoar comigo. Mas não estava: estava profundamente convicto e commentava, rindo muito bonacheirão, as partidas do espirito malfazejo.

— E o caso é que ao principio enganou-me o patife! Tomei-o pelo espirito do Teixeira de Vasconcellos, mas depois, quando o vi principiar a hesitar em responder ás suas perguntas, adivinhei



Na Escola Polytechnica. — Rainha da festa



Na Escola Polytechnica. — Vendedeira de flores

logo que era espirito zotabeteiro, mas o que não esperava era que se transformasse em maligno, como se transformou.

— E' verdade! . . .
 — E aquillo cança como o demonio; o pobre rapaz está estropiado. Se lhe parece! com um espirito maligno lá dentro. . .

— Pois eu vou por ahí abaixo e agradeço-lhe muito, comecei eu despedindo-me do meu ex-mestre.

— Nada, o meu amigo não se vae embora, atalhou o major Ramyres, acercando-se de mim: o espirito maligno veio interromper a sessão, mas havemos de tirar a desforra e entretanto vou mostrar-

lhe provas, ouviu? provas reaes e palpaveis da efficacia do espiritismo.

E, voltando-se para o *medium*, que estava já mais tranquillo, disse-lhe: — Vae lá dentro buscar o cabelo!

Eu olhei-o admirado e fiquei á espera.

GERVASIO LOBATO.

Sugestão

Assim imagina que o assassino poudo actuar ou no crime, ou nas circunstancias que o seguiram, debaixo do impulso d'uma força magnetica?

— Creio n'essa possibilidade.

Olhámos para o nosso interlocutor; falava muito serio.

Havia perto de uma hora que conversavamos, ao canto do fogão, n'esse crime e no mysterio que ainda o rodeiava. Uma velha e a sua criada, assassinadas á noite n'uma casa isolada do termo de Paris, e, coisa estranha, o assassino, que podia talvez ter ficado desconhecido, multiplicára como de proposito as imprudencias até ao ponto de ser preso. De-

força do hypnotismo, tanto mais terrivel quanto é mais mysteriosa e não se encontra senão nas mãos de alguns.

E, como nós protestavamos:

— Digo-o, acrescentou elle, e provo-o.

— Ora adeas!

— Vão ver.

Accendeu um novo charuto e principiou:

— Eu tinha relações ha annos com um rapaz de grande talento que era então um dos melhores discipulos de Charcot. Passava muitas vezes a noite em casa d'elle, e, como era natural, falava-me nos seus estudos, nas experiencias a que assistia, nas que tentava, e n'essa sciencia do hypnotismo de que se falava então um pouco menos do que hoje. Eu tambem defendia a razão humana, o livre arbitrio, não admittia esse poder do homem sobre o homem, negava a suggestão, e sobretudo a suggestão persistindo depois do acordar. Z... citava-me factos, eu oppunha-lhe a incredulidade. Pouco a pouco, vendo-o tão convencido, ia entrando no terreno das concessões, já a coisa saia para mim do dominio das impossibilidades absolutas; discutia-a ainda na sua applicação, mas estava quasi a admittir lhe o principio.

Uma noite em que nos tinhamos particularmente animado n'esse debate, tinha-me eu calado, exausto de argumentos, saltado por este vago mal-estar que se assenhoreia de nós quando nos approximamos das coisas mysteriosas e dos problemas insolúveis.

Estavamos sentados nas duas extremidades de uma especie de divan collocado ao pé do fogão, e eu olhava para o fogo de lenha que expirava lentamente na immensa lareira, com uns clarões moveis e cambiantes

CARNAVAL. — Na Escola Rodrigues Sampaio



O cortejo

mais, não havia motor conhecido d'esse crime; nada que pudesse fazer comprehender o motivo porque esse homem matára. Abandonára os valores, a prata, não levando senão algumas joias de pouco preço, justamente o que era necessario para estabelecer contra elle provas esmagadoras... Depois, em seguida á prisão, uma prostação completa que uns diziam real, outras fingida, e que lhe tirava todos os meios de defesa; não sabia nada, não se lembrava de nada, ou não queria dizer nada.

Fôra então que apparecera n'um grande jornal da manhã um longo artigo emittindo a opinião, que parecia extravagante, de que essa attitudo singular não era senão a manifestação mysteriosa de uma força occulta que o dominava, e depois de o ter incitado ao crime, o levava a arriscar-se e o conduziria ao cadafalso se lhe não acudisse.

Este caso apaixonára toda a gente, e esse novo modo de encarar as coisas não podia senão trazer um novo elemento de curiosidade e de interesse. Por isso n'essa noite quando, depois de jantar, nos tinhamos reunido na sala de fumar, veio logo esta pergunta aos labios de muitos:

— Leram o artigo do *Figaro*?

— Li, é absurdo.

— Ridiculo.

— Insalubre! E' admittir a irresponsabilidade em mil casos em que nada tem que ver.

— E' impossivel demais a mais.

Só Henrique D... se calára.

Quando todos serenaram mais:

— Eu digo que talvez isso não seja verdade no caso presente, mas que o podia ser, e sustento que a justiça fará bem em attender a essa

que avermelhavam a grande chapa bronzada e o varandim de ferro. Z immerso nas suas reflexões e nas suas investigações, recebia em pleno rosto a luz vivissima de um candieiro suspenso por cima da sua mesa de trabalho, e, quando eu levantava os olhos, impressionava-me e como que me attraía o poder do seu olhar perscrutador que parecia sondar profundezas e obscuridades impenetraveis a outros.

Prolongou-se o silencio. N'este doce calor começava a sentir um torpor agradável, e fechavam-se-me os olhos, qualquer que fosse o esforço que eu fizesse para sacudir o adormecimento que me invadia. Uma fadiga dolorosa que eu sentia do lado direito chamou a minha attenção, e reparei que tinha estendido o braço pelo espaldar do divan. N'um gesto de persuasão no decurso da nossa palestra, Z... pozera a mão em cima da minha e assim a deixára. Ora sendo o espaldar bastante elevado, a tensão dos musculos, resultante d'essa situação, era evidentemente a causa unica da fadiga que eu sentia, e bastava puxar o meu braço para uma posição normal para o fazer cessar. Mas, coisa estranha, um movimento tão simples que deveria manifestar-se até certo ponto independentemente de mim mesmo e sem que eu calculasse de antemão a razão e os efeitos — esse movimento não o fazia!

Passou assim um lapso de tempo, cuja duração não pude apreciar: depois um relógio deu onze horas. Tive uma especie de sobresalto, e tentei um esforço para tirar o braço.

Não pude.

O facto era tão extraordinario que não podia deixar de me espantar, e até — confesso — de me assustar. Pois não succedeu isso. Contudo eu não tinha ideia alguma; parecia que a paralyisia que me pregava n'esse traste immobilizava tambem os meus pensamentos.

D'esse instante em diante, os meus pensamentos são confusos. Não me lembro senão vagamente, e como a gente se lembra de um sonho, de ter encontrado o olhar de Z... que me pareceu insustentável. Agitaram-se-me as palpebras como diante de uma luz viva, pareceu-me que desmaiava, e mais nada.

— Ora meu caro, o que nos está a contar não é novo! O seu amigo simplesmente o que fizera fôra adormecel-o. Mas d'ahi a provar...

— Esperem! Quando accordei, estava no mesmo sitio; Z... sentado á sua meza de trabalho, escrevia.

— Dormi? disse eu levantando-me, e sem me lembrar então das circumstancias que tinham precedido esse facto.

— Um bocado, respondeu o meu amigo sem levantar a cabeça.

O relógio marcava onze horas e dez minutos. O meu sonho fôra por conseguinte curtissimo. Contudo restava-me um peso extraordinario; uma especie de preguiça geral me immobilizou um instante diante do fogão a olhar para Z... que tranquillamente terminava a sua carta. Os raios de luz do candieiro caíam verticalmente sobre a sua fronte largamente descoberta, e Z... parecia mais alto ainda debaixo d'esta luz branqueada por um globo fosco.

Para expulsar o terpor que ainda sentia, comecei a andar de um lado para o outro no gabinete, por entre os moveis que o atulhavam. De subito parei; em cima de uma meza baixa, no meio de varios objectos artisticos de prata, ostentava-se uma machadinha de um trabalho primoroso, com um adamascado de ouro no aço e umas inserções de marfim no cabo de ebano. Fiquei surprehendido de a encontrar ali, lembrando-me perfeitamente de a ter visto n'uma noite brilhar no meio da panoplia, onde estava agora vasio o seu logar.

Peguei na arma.

Nunca me parecerá tão elegante, tão ligeira, de tão facil manejo, e, enquanto essas reflexões se atropellavam no meu espirito, o meu braço brandia o instrumento de cima para baixo, da direita para a esquerda, como em defeza contra imaginarios inimigos.

Estava completamente acordado. Mais ainda: sentia uma agitação febril.

Voltei para o fogão a que me encostei.

Z... continuava a escrever. Parecia que se não movera, e o candieiro continuava a illuminar a mancha pallida da sua fronte de pensador.

De subito correu um calafrio pela minha carne, e pareceu-me que o meu coração cessava de bater; essa fronte lisa apparecia-me agora, atravessada



Na Escola Rodrigues Sampaio. — O andor



Na Escola Rodrigues Sampaio. — O general da tropa fardanga

em toda a sua extensão por uma linha delgada, que, a pouco e pouco, se alargava, tornava-se vermelha, de um vermelho de sangue, e formava enfim como que a ferida hedionda de uma machadada.

Os meus olhos tinham-se fechado com o horror d'esta allucinação, e, quando os tornei a abrir, já não vi senão a realidade das coisas.

Mas então, com a rapidez do raio, um pensamento atroz me apertou o cerebro; essa illusão, cuja horrorosa lembrança me gelava ainda, queria eu agora, e a todo o custo, encontrá-la de novo! Queria tornar a ver, era uma idéa louca ardente... mas era indispensável.

salteado subitamente por essa embriaguez enlouquecedora que faz com que o assassino se encarnice na victima, e na minha mão, que a febre queimava, agitava-se a arma.

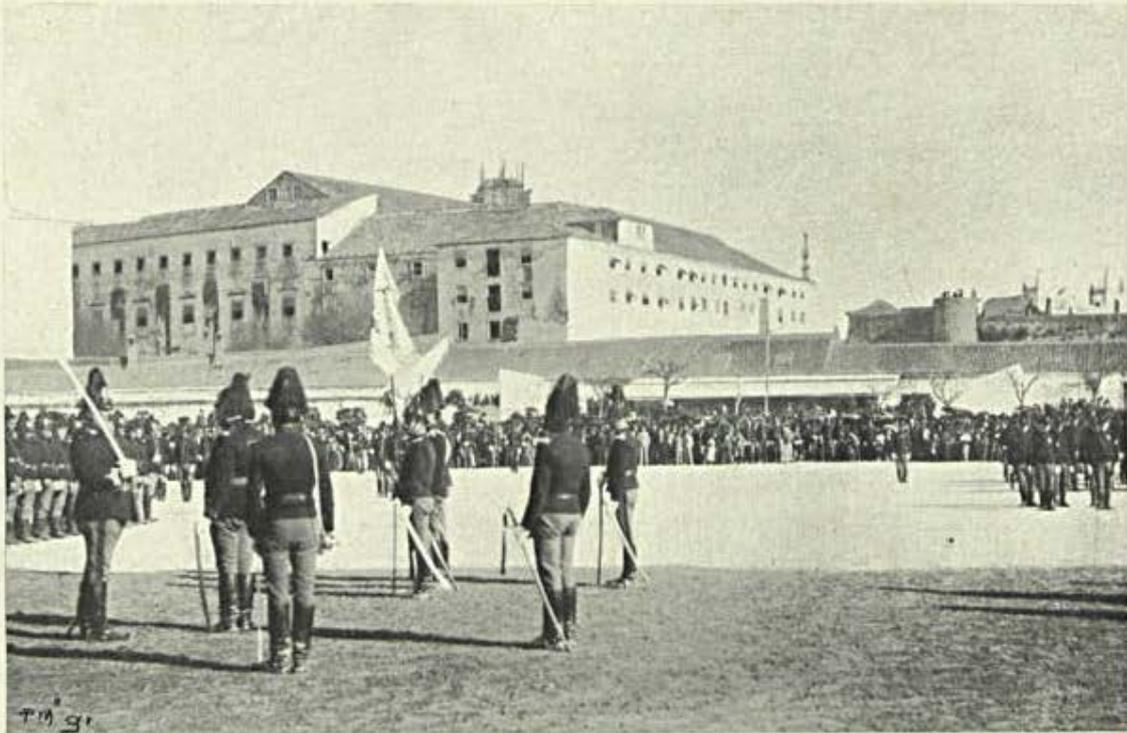
Z... acabára a sua carta e procurava um sobrescripto. Perguntou:

— Que horas são?

— Onze e meia.

O socego da minha voz contrastando com o tumulto dos meus pensamentos espantou-me, e esta tranquillidade diante do crime causou-me uma especie de satisfação!

A festa militar em Santarem



Missa campal — O tenente-coronel de artilharia 3 recebendo do coronel o commando do regimento

E, por uma aberração absoluta de todo o senso moral, o que eu já meditava parecia-me *preciso*, absolutamente necessario e indiscutível: a monstruosidade do acto desaparecia diante da necessidade em que eu me sentia de o executar. Ia para o crime como vão os que impelle um fanatismo cego. Laborava em mim a idéa horrível, perseguia-me a *necessidade de matar*, e, ao mesmo tempo que sentia dentro de mim um horror, suprema revolta do eu honrado e brando, já eu via vermelho,

Agora Z... estava fechando a carta e escrevia o sobrescripto.

Era necessario proceder rapidamente... o tempo faltava, d'ahi a pouco podia elle levantar-se e então já eu não poderia... dei um passo para a frente, medindo com os olhos a distancia, agarrei na arma mais solidamente, e com a maior tranquillidade, como quem vai partir um pedaço de madeira, levantei o braço...



Missa campal — Um aspecto do campo de Sã da Bandeira

O machado cahiu no tapete, escorregando dos meus dedos abertos. Z. . levantára-se subitamente; ao receber o choque do seu olhar penetrante, tinha eu parado como que petrificado. Pareceu-me que se rasgára um veu, que até áquelle momento me cegára, cambaleei como um ebrio e teria calado se o meu amigo me não agarrasse.

— Então! disse-me elle rindo, acreditas agora que se deve attender nas questões criminaes a este poder de que ha pouco zombavas e que por pouco não fez de ti um assassino?

— O quê? pois era . . .

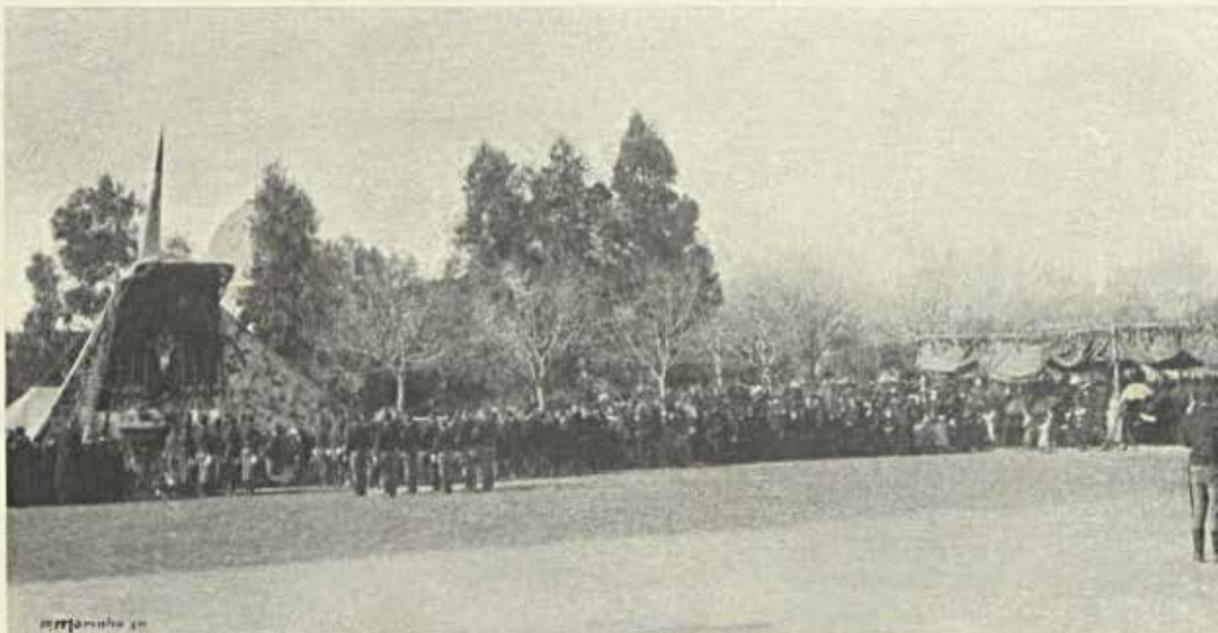
— Uma suggestão, nem mais nem menos. Não fizeste mais do que executar ao pé da letra a pequena comedia por mim imaginada durante o teu sonho e que, apesar de todas as tuas revoltas, foste obrigado a representar deante de mim quando acordaste.

EMILIO ROUSTAN.

não conseguiu maioria com que possa governar independentemente; o s liberaes não alcançaram o numero sufficiente de deputados para impôr a sua orientação ao governo; os socialistas perderam trinta e tantos logares no Reichstag, deixando de formar com o centro maioria contra o ministerio.

Só o centro logrou manter a sua posição anterior, a qual no entretanto se enfraqueceu pela derrota dos socialistas, que eram para elle os aliados naturaes contra a politica colonial do imperador.

A situação parlamentar é pois tão complicada como a do Reichstag dissolvido, e parece-nos que não vem longe o dia em que o novo conflicto entre a maioria e o governo terá como consequencia uma nova dissolução, principalmente se o chanceller e o Kaiser persistirem em passar systematicamente por cima do parlamento. Não se nos affigura, pois, haver motivo para tão ruidosas expan-



A festa militar em Santarem. — Missa campal — Durante a missa

Politica internacional

Realisaram-se as eleições allemãs, e o resultado foi para quasi todos os partidos uma desillusão.

O chanceller, muito embora se dê como o principal vencedor,

sões de alegria por parte do governo imperial, e senão o futuro o dirá.

. . .

A feição, em todo o caso, mais característica das eleições, que acabam de se realizar, foi a derrota dos socialistas. Ninguém a esperava, nem na Allemanha nem fóra d'ella.



A festa militar em Santarem. — Missa campal — Artilharia 3 e caçadores 6 com a banda

Ha um quarto de seculo que as votações da democracia-social subiam sempre, e este movimento de ascensão tinha-se tornado de tal maneira regular e permanente, que todos — partidarios e inimigos — o consideravam inevitavel. Pela primeira vez, porém, desde 1870 a onda socialista não só se deteve mas recuou. Que significa este retrocesso? E' cedo ainda para se poder explicar cabalmente semelhante recuo. Não pôde prevêr-se mesmo se elle é apenas passageiro e devido a causas de momento, ou se pelo contrario representa o resultado de uma evolução mais profunda e mais persistente, que deva no futuro accentuar-se como symptoma de definitiva decadencia. Em todo o caso convem notar que as perdas dos socialistas não foram a favor dos grupos conservadores, mas a favor dos liberaes e dos democratas. Sendo assim talvez que a significação da derrota socialista e da victoria liberal não seja, como á primeira vista parece, tão favoravel para o imperio ou pelo menos para o imperialismo. Nunca Bismarck teve mais encarniçados adversarios do que no tempo em que Virchow e Richter estavam no Reichstag á testa do grande partido progressista. Essa opposição incommodava-o muito mais que a dos socialistas. Quem pôde afirmar, que o facto de então não venha novamente a reproduzir-se? *Rira mieux...*

Tanto ou mais do que na propria Alemanha fez impressão no estrangeiro a victoria eleitoral do principe de Bülow, e sobretudo a derrota do partido socialista. Na Inglaterra, sobretudo, prevê-se com inquietação o que vae ser no proximo futuro a politica naval e colonial do imperio, agora que Guilherme II se encontra em parte livre da tutela que no Reichstag sobre elle exerciam os socialistas.

E para se ser justo deve dizer-se que estas inquietações são perfeitamente fundadas. Já as primeiras palavras do imperador, ao solemnizar a victoria eleitoral, dão o rebate da nova orientação. Agradecendo uma manifestação, que em Berlim acaba de lhe ser feita, o Kaiser declarou que d'ora avante a Alemanha deve estar prompta a esmagar os adversarios debaixo das patas dos seus cavallos de guerra. Como se vê a provocação não se fez esperar muito, e é para temer que a politica imperial procure tirar agora a desforra de recentes humilhações. Pelo menos é este o receio da imprensa ingleza, que neste assumpto e para a hypothese especial tem particular competencia.

Pena é que este recrudescimento do espirito bellicoso allemão se dê exactamente em vespuras da convocação da conferencia de Haya, onde a generosa iniciativa da Inglaterra e dos Estados Unidos devia apresentar uma proposta para a limitação dos armamentos tanto terrestres como navaes. O que será a sorte d'essa proposta, se ella chegar a apresentar-se, dado o brusco reviramento do corpo eleitoral allemão, facil é de prevêr. Perder se-ha mais esta oportunidade de pôr um travão á loucura dos armamentos, que está sendo a ruina material e a desorganisação moral da Europa contemporanea, e que ameaça com as peores catastrophes sociaes em breve periodo o nosso continente.

A visita do rei Eduardo ao presidente da republica franceza é a primeira resposta ás palavras imprudentes de Guilherme II. Por mais que a imprensa officiosa dos tres paizes queira tirar toda a significação politica á mencionada visita, ninguem acreditará que similhante acto tenha apenas um caracter particular, e que elle não seja pelo contrario o primeiro symptoma revelador das preoccupações internacionaes das duas grandes nações do Occidente.

A nova orientação, que vae ter a politica allemã só pode ter como consequencia o apertar mais os laços da *entente cordiale*, que pelo que se vê a Alemanha se está esforçando por converter em verdadeira alliança. E se assim fór, grande passo terão dado para a paz do mundo as eleições ao Reichstag, que á primeira vista tão desfavoraveis lhe parecem ser. Deus escreve direito...

Se das eleições allemãs nós passamos para as eleições russas o aspecto da lucta muda completamente. Apesar de todos os esforços do governo e de todas as violencias dos seus agentes, as eleições do primeiro e do segundo grau até agora realisadas dão grande maioria aos candidatos da opposição. Stolypin e os governadores das diferentes provincias tem lançado mão de todos os meios, desde a deportação e a prisão preventiva até ao suborno e á corrupção para vencer. Pois tudo foi em vão. Os eleitores, mesmo com o risco da propria vida, recusam-se a votar nos candidatos ministeriaes. E' um espectáculo consolador, que nos permite ter esperanza no futuro da Russia. Este paiz, quasi sem educação politica, e que pelo seu atrazo se dizia condemnado a ser permanentemente o escravo da autocracia, está dando ao mundo um bello exemplo de independencia. Que triste figura faz ao lado dos modestos mujiks tão firmes nas suas convicções o corpo eleitoral allemão, o qual apesar da illustração de que se ufana vae votar nos candidatos do imperio que o explora, abandonando os socialistas que trabalham pela redempção social da nação!... Que grande lição a Russia barbara acaba de dar á civilisada Alemanha...

Não ha duvida de que na futura Duma hão-de predominar os partidos da esquerda. E então de duas uma: ou o ministerio se submete e se estabelece um governo parlamentar, tirado da maioria e responsavel perante a camara, ou o governo resiste, dissolve outra vez a Duma e restabelece pura e simplesmente a autocracia.

No Campo Grande



Domingo de inverno

Em flagrante

No primeiro caso fica sendo uma realidade o regimen parlamentar, consegue-se a pacificação dos espiritos e ministros e deputados podem trabalhar de concerto para melhorar as tristes condições do país, evitando-se talvez a sinistra catastrophe que sobre elle impende. No segundo caso declara-se a guerra á nação, provoca-se directamente a lucta não só com o partido revolucionario mas com todos os grupos opposicionistas, e vai lançar-se o paiz de coração leve na suprema loucura da guerra civil, que só pôde ser o principio do fim d'esta perigosa aventura de que não quer desistir a autocracia.

Qual d'estas duas soluções escolherão os homens, que dirigem n'este momento os destinos da Russia? Muito breve o sabermos, porque em março reunir-se-ha a nova Duma, e logo nas primeiras sessões se poderá avaliar das probabilidades como se resolverá o conflicto.

• • •

Em que estado se encontra o conflicto americano-japonês a proposito das escolas da California? E' difficil de dizel-o. Enquanto uns telegrammas nos dão a questão como completamente resolvida a contento das duas partes, graças á efficaz interferencia pessoal do presidente Roosevelt, outros, pelo contrario insistem em que a questão está longe de ter perdido a gravidade, que logo de principio a caracterizou, e que o Japão se prepara com febril actividade para todas as eventualidades. Alguns jornaes americanos tem chegado mesmo a dar como inevitavel a guerra entre as

duas nações, e em revistas tão serias, como a *North American Review*, discute-se demoradamente qual a attitude da Inglaterra na hypothese do rompimento. Peor ainda do que estes rumores pessimistas e estas noticias exaggeradas é o movimento de hostilidade, que se vai accentuando por toda a costa americana do Pacifico. Vê-se que a questão escolar foi apenas um pretexto para se patentear a má vontade do povo dos Estados-Unidos contra a immigração japonesa nos estados do Oeste, que começa a inquietar os yankees pela perspectiva de uma rivalidade commercial para que não estavam preparados e que não sabem como combater. E é precisamente o ponto mais grave do actual conflicto, porque é de receiar que aanado elle por agora não venha amanhã a renascer sob outra fórma e a proposito de outro qualquer incidente. Que d'este lado e talvez em futuro não muito distante se prepara alguma surpresa desagradavel para os amigos da paz, não ha duvida. Será uma guerra americano-japonesa o epilogo da guerra do Japão com a Russia?

CONSILIERI PEDROSO

Viagem circulatoria

Ha oito dias que Luciano Bérard e Hortencia Larivière estão casados. A sr.^a Larivière, mãe, tem ha trinta annos uma loja de

quinhilarias, na calçada d'Antin. E' uma mulher secca e angulosa, de genio despotico, que não pôle recusar sua filha a Luciano, filho unico de um lojista rico do bairro, mas que está disposta a vigiar de perto o juvenil casal. Nas escripturas, cedeu a loja de quinhilarias a Hortencia, e, na realidade, é ella que continúa a dirigir a casa, sob pretexto de pôr os seus meninos ao corrente do negocio.

Está-se no mez de agosto, o calor é intenso, os negocios caminham pessimamente. Por isso a sr.^a Larivière está mais azeda do que nunca. Não tolera que o genro esteja um minuto sequer em intimidade com Hortencia. Pois não os surpreendeu, uma manhã, a beijarem-se na loja! E isto, oito dias depois do casamento! E' bonito! vai dar boa fama a casa!

Nunca ella consentiu que o sr. Larivière lhe tocasse com um dedo, na loja. Também elle não pensava em semelhante coisa. E foi assim que fundaram o seu estabelecimento.

Luciano, não se atrevendo ainda a revoltar-se, atira beijos a sua mulher, quando a sogra está de costas voltadas. Um dia contado, sempre ousa lembrar que as familias, antes do casamento prometteram pagar-lhes uma viagem, na sua lua de mel. A sr.^a Larivière morde os beiços delgados.

— Pois então! diz ella, vão passeiar uma tarde d'estas ao bosque de Vincennes.

Os recém-casados olham um para o outro com um modo consternado. Hortencia principia a achar sua mãe verdadeiramente ridicula. Quasi que nem á noite consegue estar só com seu marido. Ao mais leve rumor vem a sr.^a Larivière, de pés descalços, bater

lhes á porta e perguntar se estão doentes. E, quando lhe respondem que estão de perfeita saúde, grita-lhes:

— Pois o que devem fazer é dormir. A' manhã estão a cabecear ao balcão.

E' intoleravel. Luciano cita todos os lojistas do bairro que dão as suas passeiats, enquanto uns parentes ou uns caixeiros fêis gerem os estabelecimentos. Ha o luvreiro da esquina da rua Lafayette que está em Dieppe, o cutileiro da rua de S. Nicolau que acaba de partir para Luchon, o joalheiro de ao pé do boulevard que levou sua mulher á Suissa. Agora toda a gente tem o seu mez de villegiatura.

— Saiba o senhor que isso é a morte do commercio! grita a sogra. No tempo do sr. Larivière iamos a Vincennes uma vez por anno e por isso não passavamos peor. Quer que lhe diga uma coisa? Ainda deita a perder a casa com essa ideia de andar a correr mundo. A casa está-se a perder.

— Mas tinha ficado combinado que fariamos uma viagem, ouso dizer Hortencia. A mamã ha-de se lembrar de que tinha consentido.

— Talvez, mas isso era antes do casamento. Antes do casamento, dizem-se uma sucia de tolices. Agora toca a ser serio.

Luciano saiu para evitar uma pendencia. Mas, quando voltou d'ahi a duas horas, vinha completamente mudado, falando com voz doce á sr.^a Larivière, com um sorrisinho ao canto dos labios.

A' noite perguntou a sua mulher.

— Tu conheces a Normandia?

— Bem sabes que não, respondeu Hortencia. Nunca fui senão ao bosque de Vincennes.

TUNA DE SENHORAS



1.^o plano: meninas Aida Coimbra — Maria Gomes — D. Lydia de Sá Vianna Brandão — D. Maria Julia Soares — D. Alice Gomes da Cruz — D. Celeste — D. Maria Gomes da Cruz — D. Carmelita Avila Gomes — D. Aida Rebello d'Almeida — D. Accacia Napoles d'Almeida — D. Maria de Sá Vianna Brandão — D. Eugénia Crespo — D. Maria Emilia Pimentel Maldonado Neves — D. Odília de Sá Vianna Brandão — D. Alcideia Graça — D. Beatriz do Valle Coelho — D. Sarah Costa — D. Margarida Henriques — D. Alice Feio — D. ...

E' a primeira tuna de senhoras que se organisa em Lisboa, e a sua primeira festa de caridade

veira Costa — Aida Diniz — Emma Coimbra — D. Maria Gomes — D. Julia Cordeiro — D. Bertha Santos de Jesus — D. Marianna Tremoulet da Silva — Alfredo Mantua, regente — D. Maria Coimbra — D. Maria José Vasques Baptista — D. Regina Avila Gomes — D. Adelinda Pereira da Silva — D. Ilda King (em pé) — D. Maria de Sá Vianna Brandão — D. Eugénia Crespo — D. Maria Emilia Pimentel Maldonado Neves — D. Odília de Sá Vianna Brandão — D. Esperança da Silva — D. Maria do Carmo Costa — D. Maria da Purificação Cannas e Silva — D. Zulmira Pereira da Silva

em 9 de março, no salão do Conservatorio, em favor do Asylo da Primeira Infancia (Lactario).

No dia seguinte estala um raio no logar de quinquilharia. O pae de Luciano, o tio Bérard, como lhe chamam no bairro onde é conhecido como um pandego que não tem papas na lingua, vem convidar-se para almoçar. Ao café, exclama:

— Trago um presente aos nossos filhos.

E tira triumphalmente dois bilhetes de caminho de ferro.

— Que vem a ser isso? pergunta a sogra com voz estrangulada.

— Dois bilhetes de primeira classe para uma viagem circulatória na Normandia. Hein, seus pequenos? um mez ao ar livre! Voltam ahí frescos como umas rosas.

A sr.^a Larivière fica aterrada. Quer protestar; mas no fundo o que não quer é ter uma pendencia com o tio Bérard que sempre ganha a partida. O que acaba de a atrapalhar é que o logista fala em levar immediatamente os dois viajantes á estação. Não os larga senão quando os vir dentro do wagon.

— Está bom, declara ella com uma raiva surda. Roube-me a minha filha. Antes quero isso. Já não andarão por ahí a beijar-se na loja e eu velarei pela honra da casa.

Emfim os casados chegam á estação de S. Lazaro, acompanhados pelo sogro, que não lhes deu tempo senão para atirarem um pouco de roupa branca e algum fato para o fundo de uma mala. Assenta-lhes nas faces um beijo sonoro, recomendando-lhes que olhem bem para tudo, para lhe contarem em seguida o que tiverem visto. Sempre isso o ha-de entreter.

Na plata-forma, Luciano e Hortencia correm ao longo do comboio, procurando um compartimento vazio. Teem a felicidade de encontrar um, precipitam-se para dentro d'elle, e preparam-se já para a felicidade de estarem sós, quando tem o desgosto de ver subir com elles um sujeito de oculos que, assim que se senta, olha para elles com ar severo. O comboio põe-se em marcha; Hortencia, desolada, volta a cabeça e affecta olhar para a paisagem: sobem-lhe lagrimas aos olhos: nem vê as arvores sequer. Luciano procura um meio engenhoso de se desembaraçar do velhote, e não acha senão expedientes demasiadamente energicos. Ainda espera um momento que o seu companheiro de viagem se apele em Nantes ou em Vernes. Vã esperança, o sujeito vai até ao Havre. Então Luciano, exasperado, decide-se a pegar na mão de sua mulher.

Afinal de contas, são casados, podem perfeitamente dar largas á sua ternura. Mas os olhares do velhote cada vez se tornam mais severos, e é tão evidente que absolutamente desaprova essa demonstração de affecto que a joven senhora, córando, fuge com a mão. Faz-se o resto da viagem n'um silencio constrangido. Felizmente chegam a Rouen.

Luciano, ao sair de Paris, comprou um guia. Vão para um hotel recommendado, e são logo preza dos criados. A' meza redonda, quasi que se não atrevem a trocar uma palavra diante d'essa gente toda que olha para elles. Emfim deitam-se cedo, mas os tabiques são tão finos que os seus visinhos, á direita e á esquerda, não podem fazer um movimento sem que elles o oçam. Então nem já se atrevem a mover se, nem sequer a tossir no seu leito.

— Visitemos a cidade, diz Luciano pela manhã, levantando se, e partamos depressa para o Havre.

Estão o dia todo em giro. Vão ver a cathedral, onde lhe mostram a torre da Manteiga, uma torre que foi construida com um imposto com que o clero furtara as manteigas da terra. Visitam o antigo palacio dos duques da Normandia, as velhas igrejas transformadas em celeiros, a praça de Joanna d'Are, o Museu, até o cemiterio monumental. E' como que um dever que elles cumprem, e não se poupam nem uma só casa historica. Hortencia sobretudo aborrece-se extraordinariamente, e está tão cançada que no dia seguinte dorme no caminho de ferro.

No Havre espera-os outra contrariedade. Os leitos do hotel para onde vão são tão estreitos que os noivos teem de ir para um quarto

No Campo Grande



Domingo de inverno. — *Em flagrante*

com duas camas. Hortencia vê n'isso um insulto e desata a chorar. Tem Luciano de a consolar jurando-lhe que não ficarão no Havre senão o tempo sufficiente para verem a cidade. E recomçam as suas correrias.

E deixam o Havre, e assim se demoram alguns dias nas cidades importantes designadas no itinerario; visitam Honfleur, Pont-l'Évêque, Caen, Bayeux, Cherburgo, com a cabeça cheia de uma debandada de ruas e de monumentos, confundindo as igrejas, emparvecidos com esta rapida successão de horisontes que os não interessam. Em parte nenhuma conseguiram ainda encontrar um canto de paz ou de felicidade, onde podessem abraçar-se e beijar-se, longe de ouvidos indiscretos. Chegaram a não olhar já para coisa alguma, continuando estritamente a sua viagem como uma estopada de que não sabem como se hão de livrar.

Visto que partiram, hão de voltar por força. Um dia em Cherburgo, Luciano solta as seguintes palavras: — Parece-me que antes queria a tua mãe. No dia seguinte partem para Granville, mas Luciano conserva-se sombrio, e lança uns olhares terríveis para a paisagem, cujos campos se abrem em leque de ambos os lados da via. De subito, parando o comboio n'uma

S. Paulo — BRASIL



Jardim da Luz

pequena estação, cujo nome nem sequer lhes chega aos ouvidos, um recanto adorável de verdura sumido entre as arvores. Luciano exclama:

— Apeiemo-nos, queridinha, apeiemo-nos depressa.

Hortencia apeia-se, o comboio parte e deixa-os a ambas no recanto adorável de verdura. Encontram-se em pleno campo, ao sahirem da pequena estação. Nem um ruído, apenas uns passaros cantam nas arvores, e um limpido riacho corre ao fundo do valle. A primeira coisa que Luciano faz é atirar com o Guia para um charco.

— Emfim, acabou-se! estamos livres.

A trezentos passos de distancia fica uma estalagem isolada, onde lhes dão um grande quarto caiado, de uma alegria primaveril. Os muros teem um metro de espessura. Demais não ha nem um só hospede na estalagem, e só as gallinhas olham para elles com um modo curioso.

— Os nossos bilhetes são ainda validos por oito dias. Pois muito bem! passemos aqui os oito dias.

Que deliciosa semana! Vão desde pela manhã correr pelas reconditas veredas, immergem-se n'um bosque que fica na encosta de uma collina, e alli passam o seu dia, escondidos no fundo da relva que esconde os seus juvenis amores. Outras vezes seguem o riacho, Hórtencia corre como uma estouvada creancinha, depois descalça as botinas, e mette os pés na agua, enquanto Luciano lhe arranca uns gritinhos, pondo-lhe um beijos subitos na nuca. A sua falta de roupa e de fato diverte-os immenso. Estão contentissimos de se verem assim abandonados n'um deserto onde ninguém imagina que elles estão. Foi necessario que Hortencia pedisse emprestada roupa branca grosseira á estalajadeira, camisas de panno que lhe arranham a pelle e que a fazem rir. O seu quarto é tão alegre! Fecham-se lá desde as oito horas, assim que deixa de os tentar o campo escuro e silencioso. Sobretudo recommendam que os não acordem. Luciano desce ás vezes de chinellos, para ir elle mesmo buscar o almoço: ovos e costeletas, sem consentir a pessoa alguma que entre no quarto, e são uns almoços deliciosos comidos á borda da cama e que não acabam nunca, graças aos beijos mais numerosos do que os bocados de pão.

No setimo dia estão afflictos e muito surprehendidos por terem vivido tão depressa, e partem sem quererem saber sequer o nome do sitio onde se amaram. Ao menos sempre tiveram um quarto da sua lua de mel.

Só em Paris é que conseguem apanhar as bagagens. Quando o tio Bérard os interroga, embrulham se. Viram o mar em Caen, e collocam a terra da Manteiga, no Havre.

— Mas que diabo! exclama o lojista, não me falam em Cherburgo... e o arsenal?

— Oh! um arsenal muito pequeno, respondeu tranquillamente Luciano, poucas arvores.

Então a sr.^a Larivière, sempre severa, encolhe os hombros murmurando:

— Vale bem a pena viajar para nem conhecerem sequer os monumentos... Vamos, Hortencia, basta de folia. Já para o balcão.

EMILIO ZOLA

Onde canta o Sabiá



O Gil — caricaturista

† no 110 de Janeiro

THEATROS

D. Amélia, A Eterna Fabula. — D. Maria, Mocidade. O castello historico. — Gymnasio, O Despertar de Venus. — Principe Real, A vertigem. — Avenida. — Trindade. — Rua dos Condes. — Colyseu dos Recreios.

Das comedias portuguezas em verso são os unicos originaes da quinzena theatral.

Representou-se a primeira no *D. Amélia* e o exito com que foi acolhida não esmoreceu em representações subsequentes.

O auctor, o sr. Faria Machado, um poeta moço e de talento, venceu n'esse rapido *lever de rideau* difficuldades que outros mais experimentados não raras vezes teem considerado insuperaveis.

Com effeito, *A Eterna Fabula*, sem acção, vivendo de que já foi, reflexo do passado, abrangido em uma narrativa dialogada, tem, n'essa falta, que seria essencial em outras obras congeneres, todo o seu merito.

E' que o sentimento por toda ella está, e para os seus versos vibrantes, familiares e singelos sem faltarem ás exigencias litterarias, dir-se-ia que o poeta fez trasbordar a sua mocidade. O amor rapido e ardente que abrasou em horas de paixão a alma do protagonista fala n'esses alexandrinos com uma sinceridade e uma ardencia, que faz resuscitar, reviver o sentimento extinto, atear, por assim dizer, a chamma apagada.

Por isso o publico mais de uma vez interrompeu com palmas aquelle que em scena interpretou esse personagem, o actor Azevedo, que poz na narrativa d'esse sentimento uma não vulgar sensibilidade d'artista, expressa n'uma arte ao mesmo tempo elevada e sobria.

Foi o outro dialogante o actor Grijó, o amigo que recebe as confidencias do marquez, e que n'um papel de responsabilidade manteve a linha fina e correcta que o auctor lhe traçou.

A Eterna Fabula é uma ridente promessa, e é sobretudo a reve-

Dr. Clemente Pinto



† em 5 2 907

Estudante distincto na Escola Medica do Porto, ali defendeu these aos vinte e quatro annos. Foi lente e secretario d'aquella Escola e era actualmente reitor do lyceu do Carmo.

lação de que no moço poeta e diplomata sobejam qualidades para obra de maior folego.

Mocidade é a comedia de Eça Leal, a que elle modestamente chama *Dialogo em verso*, representado em **D. Maria**.

Escolheu a redondilha, que é uma forma mais popular e theatral, na qual se ajustam como em molde proprio os sentimentos simples, as singelas declarações de amor.

Essa paixão sincera e explosiva entre o estudante de Coimbra e Maria, a rapariga do povo, paixão afinada pelos accordes da musica, em que ella, nas suas cantigas dolentes, o acompanha á guitarra, tem a sua linguagem mais pura e mais eloquente na fórma poetica de que o auctor se serviu.

E' um dialogo sem pretensões, mas com um encanto litterario que o publico sublinhou com applauso e de que farão ideia os nossos leitores pelo excerpto que hoje lhes offerecemos.

Carlos Santos e Cecilia Machado deram relevo a esses dois papeis, que representaram com sentimento e galanteria.

Outros originaes não temos a registrar. No **D. Amelia** fez Augusto Rosa a sua festa com uma *reprise* da lindissima comedia *O castello historico*, em que elle tem uma das suas mais brilhantes creações. Em **D. Maria**, tres peças das mais antigas do repertorio d'aquelle theatro *O Morgado de Fafe*, *O gaiato de Lisboa* e *A Timidez de Cornelio Guerra* reviveram com vantagem nas interpretações magnificas de Ferreira da Silva, Adelina Abranches e Eduardo Brazão. No **Gymnasio** em uma peça franceza, primorosamente traduzida por Moura Cabral: *O despertar de Venus*, teve Barbara Volckart uma nova consagração do seu talento, como a teve tambem Lucinda do Carmo no seu magnifico papel de *A vertigem* representada no **Principe Real**.

E nada mais de novo pelos outros theatros. No **Avenida** ainda não chegaram a meio da carreira *As Favas Contadas*. Continuam na **Trindade** a interessar o publico todas as noites *As tangerinas magicas*, como as revistas populares fazem passar pelo theatro da **Rua dos Condes** todo o publico de Lisboa.

E o **Colyseu dos Recreios**? Esse, como se não lhe bastassem *Os comediantes de Mephisto* e tantos outros numeros sensacionaes, apresentou aquella *festa do carnaval* em que Antonet e Walter teem pilhas de graça, e em que todos os artistas da companhia exhibem os seus meritos.

“Mocidade,”



Eça Leal

Auctor da «Mocidade»

ESTUDANTE

Cede a este impulso meu.
Demora-te ainda um instante. . .

MARIA

Para conversa é bastante;
Tenho pressa, faz-se tarde...
Que dirá a mãe Delfina...

ESTUDANTE (*dando-lhe o braço e possiando com ella lentamente*)

Socega; já no ceu arde
A clara luz que illumina
A v'reda ideal dos amantes.
Gozemos estes instantes

Do amor purissimo e casto
Das nossas brancas edades!
Além, no horizonte vasto
Que as sobreiras das herdades
Recortam na sombra espessa,
Vejo uma estrella em que leio
Que dormirá no teu seio
A minha pobre cabeça.
Não tenhas medo, Maria,
De chegar mais tarde a casa;
Eu juro-te á luz do dia
O grande amor que me abraza!

MARIA (*perturbada*)

Sim, não duvido... acredito
As lindas coisas que diz...
Tudo isso é tão bonito!
Mas eu sou uma infeliz,
Já não tenho mãe... 'stou só!
Não ter no mundo ninguém,
Nem mãe, nem pae, nem avó...
A não ser a mãe Delfina
Que me recolheu por dó
Quando eu era pequenina...

ESTUDANTE

Tens-me a mim para marido,
Offreço-te a minha mão...
Inda duvidas?

MARIA (*muito hesitante*)

Não... não...
Mas... já demais tenho ouvido...
E, repito, faz se tarde,
Tenho d'ir longe... e d'ahi
Quem não tem mãe que a guarde
Tem de se guardar a si. (*vae para sahir*)

ESTUDANTE (*com tristeza*)

Já vejo que me não amas,
Que não tens confiança em mim

MARIA

Não é isso...

ESTUDANTE (*prosequindo*)

O fel derramas
No meu coração!... Emfim,
Dize-me ao menos, Maria,
Onde vaes assim vestida
Camponeza dos meus sonhos?

MARIA (*com vivacidade*)

Agora vou de fugida
A horta colher medronhos;
Mas vou logo á romaria.

ESTUDANTE

Estarás tu de desejos,
Ou pediu-te algum medronhos
Querendo pedir-te beijos? ..

EÇA LEAL.

To be or not to be

(A Gaspar da Silva)

Eu já não sei se vivo ou se não vivo
Já não tenho esperanças nem vontade:
Já nem sinto as doçuras da saudade,
E vejo que ando de mim mesmo esquivo.

Alheio a tudo, estúpido e passivo,
Como um doido que foge á sociedade,
Penso que esta loucura que me invade
Já nem me torna triste e scismativo.

Ser, ou não ser? Não sei; sonho acordado,
A toda a dôr me prendo e me sujeito,
E nada sinto nem me dá cuidado!

Nada! Nem mesmo um riso contrafeito!
Certo, só sei que boia-me, gelado,
O cadaver da alma no meu peito!

Filinto d'Almeida.